

A originalidade do cristianismo: em torno da identidade cristã

Andre Herculano Samalambo¹

Resumo: Nossa pesquisa consistiu em tomar consciência do que é constitutivo da identidade e da práxis cristãs, identificando os sintomas e as causas principais que estão a exigir de nós hoje uma maior compreensão de nós mesmos enquanto cristãos que querem contribuir, com lucidez, coragem e generosidade, para com o anúncio do Evangelho. Assim, em torno de cinco pontos procurámos expor o resultado de nossa pesquisa.

Palavras-chave : Cristianismo. Práxis cristã. Identidade cristã. Evangelho.

Abstract: Our research consisted of becoming aware of what constitutes Christian identity and praxis, identifying the symptoms and as the main ones that are demanding from us today a greater understanding of ourselves as Christians who want to contribute, with lucidity, courage and generosity, to the proclamation of the Gospel. Thus, around five points we try to expose the results of our research.

Keywords: Christianity. Christian praxis. Christian identity. Gospel.

Para respondermos à pergunta acerca do que é constitutivo da identidade cristã haveremos de entrar numa reflexão essencialmente cristológica: que ou quem faz cristão?

1. QUEM FAZ CRISTÃO?

Inicialmente, pensamos ser de fundamental importância apresentarmos uma clarificação etimológica para melhor entendermos a problemática que queremos desenvolver.

A pergunta versa sobre o significado do adjetivo “cristão”. A palavra “cristão” deriva da palavra grega (Χριστός), que significa literalmente: “alguém que foi ungido” (LOUW; NIDA, 2013, p. 484). No Novo Testamento, (Χριστός), é tradução de (Μεσσίας) (em hebraico), é

1 Andre Herculano Samalambo foi orientando do Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki em sua iniciação científica como estudante de Teologia, que realizou entre 2018 e 2019 como voluntário,. Seu plano de trabalho vinculou-se ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “A nomeação cristã de Deus”, que integra a Linha de Pesquisa “Interpretação da tradição cristã no horizonte atual”, do PPG em Teologia da FAJE. André concluiu a sua Graduação em Teologia pela FAJE em 2019, e é também Graduado em Filosofia na Faculdade Jesuíta São Pedro Canísio, Kinshasa-República Democrática do Congo (2011-2015). E-mail do autor: andreherculano143@gmail.com

um “título de Jesus” (LOUW; NIDA, 2013, p. 484). Nesta perspectiva, (Χριστός) (Cristo), nos remete à Jesus, crucificado, morto e ressuscitado. Jon Sobrino ressalta que só se entende “o adjetivo ‘cristão’ enquanto remonta a Jesus” (SOBRINO, 1983, p. 129). O cristão não se compreende fora do homem Jesus Cristo, ou seja, é ele quem faz cristão. Inclusive o movimento iniciado por ele denominado ‘cristianismo’, só se entende a partir dele próprio. Hans Kung sublinha que:

el cristianismo sólo sigue siendo cristiano cuando se mantiene expresamente vinculado al único Cristo. Y este Cristo no es un principio cualquier, ni una intencionalidad, ni una actitud, ni el punto final de una evolución. Es, por el contrario, una persona bien definida, inconfundible, insustituible, con nombre propio. [...]. Lo distintivo del cristianismo es Cristo mismo (KÜNG, 1975, p. 19).

Jesus Cristo é quem realmente faz alguém cristão. Cristãos são, pois, os que procuram identificar-se com a pessoa e a causa de Jesus, o Cristo. O cristão só é cristão na referência a Jesus Cristo. Mas, quem é o Jesus Cristo? Quem é aquele que faz cristão?

1.1 QUEM É O CRISTO?

Sabemos que Cristo diz respeito a Jesus de Nazaré ou ao nazareno, como era chamado pelos seus contemporâneos. É a forma transliterada do grego Χριστός, em hebraico *Méxīā* (Messias). Seu significado, em algumas línguas, é “o escolhido de Deus ou aquele que é esperado, alguém do qual todos esperavam receber ajuda e libertação” (LOUW; NIDA, 2013, p. 484). Nas palavras de Hans Küng: “Cristo no es otro que el historico Jesús de Nazaret: ni sacerdote, ni revolucionario político; ni monje asceta; ni moralista piadoso; sino provocador en todos los sentidos” (KÜNG, 1975, p. 27).

Küng faz ver que “Cristo” se diz do Jesus de Nazaré histórico. Deste modo, ele elimina possíveis aplicações do título a outras personalidades do âmbito religioso e/ou sociopolítico. Longe de ser um sacerdote, como os que haviam em seu tempo, Jesus foi leigo e iniciador de um movimento de leigos. Longe de ser um revolucionário político, Jesus pregou a não violência e o amor aos inimigos (cf. KÜNG, 1975, p. 28). Ademais, Jesus não foi monge, “nunca se retirou do mundo, nem ele mesmo se apartou do mundo ou enviou a alguém que quisesse ser perfeito ao mosteiro de Qumrân” (KÜNG, 1975, p. 28). Küng sublinha que Jesus é manifestadamente mais próximo a Deus do que os sacerdotes, mais livre frente ao mundo que os ascetas, mais moral que os moralistas, mais revolucionário que os revolucionários (cf. KÜNG, 1975, p. 28).

E, assim, devemos dizer que Cristo é o Jesus de Nazaré, homem enviado de Deus e esperado pelo povo de Israel. Ele foi verdadeiramente homem, um leigo que não se identificou com as estruturas sociorreligiosas e políticas de seu tempo. Uma vez respondida a pergunta

sobre quem é Cristo, quem é aquele que faz cristão, surge a questão sobre quem é o Cristão, quem é aquele que recebe o seu ser “cristão” de Jesus Cristo.

1.2. QUEM É O CRISTÃO?

Depois de mostrarmos que a vida cristã só se compreende em referência a Jesus Cristo, podemos agora indagar a respeito de quem é o cristão. A priori, trata-se de uma pergunta essencialmente antropológica, cujo fundamento deverá ser o próprio Jesus, o Cristo. Para Küng, “cristão é antes de tudo, e somente, o que procura viver sua humanidade, socialidade e religiosidade a partir de Cristo” (KÜNG, 1975, p. 17). Nesta perspectiva, entende-se que o cristão é um ser humano, social e religioso, cuja particularidade está em viver suas dimensões a partir de Cristo. O cristão procura viver seu ser pessoa plenamente conectado com a sociedade, contribuindo com a promoção da justiça social. Sua referência é Cristo, ou seja, Cristo é o princípio e o fundamento de sua vida. Mais adiante, Küng dirá que:

ser cristiano significa vivir, obrar, sufrir e morir como verdadero hombre siguiendo a Cristo en este mundo de hoy: sostenido por Dios y presto a ayudar a los hombres en la dicha como en la desgracia, en la vida como en la muerte (KÜNG, 1975, p. 17).

Em síntese, o cristão é aquele que vive a sua existência a partir de Cristo, seguindo a Cristo, que é a totalidade de sua vida.

Sabemos, entretanto, que a identidade cristã carrega consigo o paradoxo de se formar a partir da profissão de fé em Jesus Cristo como verdadeiramente divino e verdadeiramente humano. Quando o paradoxo deixa de ser paradoxo, o cristianismo se desloca para um de seus polos. A identidade entra em crise, um mal-estar é experimentado. A Igreja cristã vive esse mal-estar atualmente. É preciso tentar buscar as causas, as raízes do mesmo.

2. AS RAÍZES DA ATUAL CRISE RELIGIOSA

Para falarmos das raízes da atual crise religiosa, gostaríamos de dialogar com os autores Victor Codina e Carlos Palácio. De fato, eles estão de acordo de que a identificação do cristianismo com a cultura ocidental é uma das causas da crise religiosa cristã. Nesta perspectiva, vamos apresentar o ponto de vista de cada um deles.

a. Victor Codina

No seu artigo “*Desocidentalizar o cristianismo*”, Codina apresenta um rápido percurso histórico para contextualizar sua afirmação. Mostra que a Igreja primitiva, desde o seu nascimento, teve que fazer esforços de passagem da circuncisão ao batismo e abrir-se ao

mundo greco-latino. A enculturação da fé cristã ao mundo helênico influenciou os Padres da Igreja. O platonismo e o neoplatonismo exerceram grande influência na teologia dos mesmos. No entanto, com a ruptura entre a Igreja oriental e a Igreja romana, em 1054, esta última “acentuou ainda mais seus aspectos ocidentais latinos (jurisdicção, moralismo, centralização, racionalismo, essencialismo ...) junto com elementos das culturas dos povos germânicos” (CODINA, 2008, p. 11). Codina vai mostrar que a razão ocidental está em crise pelo fato de se tornar instrumental, isto é,

unidimensional, funcional, a serviço dos grandes impérios coloniais do passado e do presente, e desembarcou no capitalismo neoliberal de nossos dias, discriminador das maiorias da humanidade. O cristianismo ocidental aparece diante do mundo como identificado com esta razão ocidental hoje em crise” (CODINA, 2008, p. 12).

Diante deste quadro, Codina apresenta algumas consequências negativas dessa ocidentalização do cristianismo. São elas: intelectualismo, dualismo, predomínio de Deus todo-poderoso sobre o Deus amor, imperturbabilidade e insensibilidade diante do sofrimento humano. Vejamos brevemente cada uma delas:

A respeito do intelectualismo do Ocidente, escreve Codina:

O cristianismo ocidental converteu-se mais numa doutrina do que numa mística, mais em teoria do que em vida, mais em ideologia do que a práxis do seguimento de Jesus. A teologia é, sobretudo, inteligência da fé (*intellectus fidei*) mais do que reflexão sobre o amor (*intellectus amoris* de J. Sobrino). A fé é mais resplendor da verdade (*splendor veritatis*) do que revelação do amor de Deus (*splendor amoris*).

A conhecida frase de K. Rahner de que o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão responde à mesma inquietude. Não se trata de cair no anti-intelectualismo, nem de opor a fé à razão, nem de negar o saber da razão de nossa esperança, mas de não converter a fé em algo puramente intelectual e racional (CODINA, 2008, p. 13).

Acerca do dualismo no pensamento ocidental nos diz Codina que o neoplatonismo, com sua visão negativa da matéria, marcou profundamente a teologia ocidental e que a influência de Agostinho no mundo latino ocidental contribuiu para uma visão pessimista da sexualidade. Também a história da salvação foi marcada profundamente por este dualismo entre história profana e história sagrada, entre plano da criação e o plano da salvação, entre o natural e o sobrenatural, entre a história e a escatologia sem repercussões históricas (cf. CODINA, 2008, p. 14). “Esta concepção está muito longe da visão antropológica unitária bíblica semita, onde o ser humano, homem e mulher, é imagem de Deus, o corpo, a sexualidade e o matrimônio são dons de Deus a serviço do amor” (CODINA, 2008, p. 14). É preciso notar

que existe unidade entre criação e redenção, que a glória de Deus é a vida da pessoa humana (Irineu), que o ser humano é caminho para a Igreja, que o Reino começa na história e que seu cume é a participação na vida divina, participação esta que os Padres orientais chamam de divinização do cristão (cf. CODINA, 2008, p. 14-15).

Referente à terceira consequência, a saber, o predomínio de Deus todo-poderoso sobre o Deus amor, Codina nos diz que a visão ocidental aplica a Jesus a imagem de Deus todo-poderoso da filosofia grega em vez de chegar à imagem de Deus a partir da revelação de Jesus. Por causa disso, a vida histórica de Jesus de Nazaré é, em grande parte, desvalorizada no Ocidente. Sua pobreza, debilidade, humilhação e kenosis são esquecidas. Além disso, observa Codina que há um esquecimento do Espírito no Ocidente, e, conseqüentemente, um cristomonismo, que leva a ressaltar as dimensões visíveis e exteriores da Igreja instituição (hierarquia, autoridade, poder, sacramentos, direito, magistério, leis morais, organização...), deixando ofuscadas as dimensões mais profundas, como experiência espiritual, carisma, profecia, comunhão, serviço, caindo-se no eclesiocentrismo (cf. CODINA, 2008, p. 16).

Por fim, Codina, para falar da imperturbabilidade e insensibilidade diante do sofrimento humano, recorda-nos a diferença entre o Deus cristão influenciado pela cultura grega, e o Deus cristão da cultura bíblica, entre o cristianismo ocidental e o cristianismo bíblico. Para ele, os deuses no Olimpo são insensíveis aos problemas e sofrimentos humanos, enquanto o Deus da bíblia liberta o povo da escravidão, está atento aos problemas do povo. Para Codina, o cristianismo ocidental é mais moralista, enquanto que o cristianismo bíblico é mais centrado no amor de Deus manifestado em Jesus Cristo.

b. Carlos Palácio

Carlos Palácio, no seu artigo “*A identidade problemática (em torno do mal-estar cristão)*”, reconhece a existência de um mal-estar na Igreja. Neste artigo, ele apresenta cinco sintomas desse mal-estar na Igreja. São eles: o reducionismo institucional (eclesial), a privatização do cristianismo (individual), a desintegração da linguagem comum, a primazia da práxis frente à mística, e a transposição religiosa e sociopolítica. Vejamos brevemente cada um deles.

O primeiro sintoma concerne à visibilidade da Igreja, à sua face institucional. Palácio nos mostra que há insistência e preocupação com o funcionamento administrativo da instituição. Há uma separação entre o “aparato eclesiástico” e a comunidade cristã como experiência de fé.

A propósito escreve:

À força de insistir no hierárquico, no jurídico, na autoridade do magistério, na centralização romana etc., surge inevitável a pergunta: a “exterioridade” assim reforçada pode ser ainda expressão do Espírito que deve vivificar a Igreja?” (PALACIO, 1989, p. 155).

O segundo sintoma está relacionado com o que o autor chama de privatização do cristianismo. Trata-se de uma tendência retrativa para a interioridade, isto é, para o âmbito do privado, do individualista da vivência da experiência da fé. À título de exemplo, Palácio reconhece haver uma certa rejeição do Magistério, sobretudo, no campo da moral sexual. Por isso é que, diz ele:

O magistério eclesial pode multiplicar as suas palavras neste domínio. Nada impede que a prática concreta dos cristãos seja cada vez mais autônoma e distante das orientações oficiais. A Igreja, na sua dimensão hierárquica, não aparece mais como “corpo de sentido”, como mediação normativa capaz de inspirar um agir coerente com o evangelho (PALÁCIO, 1989, p. 156).

O terceiro sintoma é a desintegração da linguagem comum. Palácio sublinha o fato de haver uma “multiplicação e diversificação de linguagens” onde a linguagem tradicional não diz mais nada. Para desenvolver este sintoma, ele dialoga com dois autores: o teólogo C. Geffré e o filósofo H. C. de Lima VAZ. Citando Geffré, Palácio vai mostrar que “entre o desabamento de um “universo” ordenado teologicamente e o radical antropocentrismo da moderna concepção do mundo se abre uma nova era” (PALÁCIO, 1989, p. 156). Logo, não há mais um universo cristão onde havia lugar para as “Sumas teológicas”. Neste contexto, a teologia se faz de maneira hesitante e, diante da razão operacional que fragmenta o universo cultural, se torna teologias do genitivo. Citando Lima Vaz, Palácio faz ver que a teologia tomou de uma “linguagem de empréstimo” (PALÁCIO, 1989, p. 157) pelo fato de ver desprovida de sua linguagem própria. Consequência desta orfandade da linguagem da teologia se observa, por exemplo, na liturgia, que “oscila entre o hieratismo intimista e anacrônico dos textos oficiais e a vontade de fazer entrar na liturgia o contexto da vida, com todas as conotações ideológicas da realidade social” (PALACIO, 1989, p.157). Para Palácio, mesmo que se use uma linguagem mais engajada, ainda é preciso “que ela chegue a expressar a novidade da experiência cristã (PALACIO, 1989, p. 157).

O quarto sintoma é a primazia da práxis ou a inversão da “mística” tradicional (a substituição da contemplação pela ação). Palácio sublinha que o predomínio da razão técnica, da sua lógica instrumental é o fato cultural que está na base dessa inversão (cf. PALÁCIO, 1989, p.157). Com efeito, “a conhecida tese XI de Marx sobre Feuerbach soube traduzir com felicidade esta inversão: ‘os filósofos, até agora, nada mais fizeram do que interpretar (teoria, contemplação) o mundo; o importante, porém, é transformá-lo” (PALÁCIO, 1989, p. 158). No cristianismo, esta nova sensibilidade moderna encontra ressonância ao ser “traduzida em termos de luta e de compromisso com as grandes “causas” do homem e da sociedade” (PALÁCIO, 1989, p. 158). Em consequência, aconteceu uma quebra das antigas expressões da vida espiritual, incapazes de manter a unidade dos cristãos. Neste contexto, portanto, há uma ascensão da práxis. O mundo não se autocompreende mais como religioso, muito menos como cristão. “Face à desagregação da espiritualidade tradicional, como interpretar essa

atração irresistível que exerce a práxis sobre os cristãos? A ação, a luta, o compromisso seriam a única maneira de polarizar as energias do dinamismo cristão?” (PALÁCIO, 1989, p. 158).

A transposição religiosa e a sócio-política do cristianismo constituem o quinto sintoma. Apresenta-se como a tendência de, por um lado, encerrar-se no *ad intra Ecclesia*, fechar-se ao profano em nome do sagrado, subir a montanha e recusar descer ao vale, e de, por outro lado, perder-se no *ad extra Ecclesia*, na revolução social e política, na implantação do reino de Deus na terra.

Percebe-se que as abordagens de Codina e Palácio se aproximam em vários pontos. O intelectualismo apontado por Codina possui relação com a desintegração da linguagem comum dos cristãos cuja base era a experiência, não o raciocínio. O dualismo nunca foi superado no pensamento teológico e criou uma dicotomia entre o sagrado e o profano, o celeste e o terrestre, o divino e o humano. Palácio nos diz que a identidade cristã é dialética, não dualista. Quanto ao predomínio do Deus todo-poderoso sobre o Deus amor, mencionado por Codina, encontramos o predomínio da instituição sobre a pessoa, do pragmático frente ao místico, em Palácio. Este não menciona a insensibilidade diante do sofrimento humano, como o faz Codina, mas lembra que a transposição sociopolítica do cristianismo, que volta sua atenção aos problemas sociais pode gerar outras formas de insensibilidade, como por exemplo, a insensibilidade à ação do Espírito, o exaurir-se da dimensão contemplativa da vida.

Em todo caso, necessitamos reaver nossa identidade e repensar nossas atitudes centrando-nos em Jesus Cristo e seu projeto do reino de Deus. Precisamos “voltar a Jesus Cristo”.

3. VOLTAR À JESUS CRISTO

Para podermos abordar esta volta à Jesus, nos basearemos em José António Pagola, no seu livro: *Voltar a Jesus, para a renovação das paróquias e comunidades*. Especialmente no capítulo 4, Pagola explica com mais profundidade em que consiste esta volta. Cinco subcapítulos são abordados: a necessidade de convertermo-nos a Jesus (a), para configurar uma nova relação com Jesus (b), introduzindo a verdade de Jesus em nosso cristianismo (c), e, assim, recuperar a identidade de discípulos e seguidores de Jesus (d) e experimentar o reavivamento da esperança em Cristo ressuscitado por Deus (e).

a. Converter-nos a Jesus Cristo

Pagola abre este ponto explicitando o desejo do Papa Francisco em fazer um *aggiornamento* no seio da Igreja para que ela responda aos desafios da sociedade atual. De fato, este *aggiornamento* passa por um processo de conversão, a saber, voltar à Jesus Cristo e recuperar a originalidade do Evangelho. Isto significa “voltar à única coisa que é a fonte e a origem da Igreja, a única coisa que justifica sua presença no mundo e na história” (PAGOLA, 2016, p.

46). Nesta perspectiva, Pagola insiste que esta conversão, dadas as mudanças socioculturais sem precedentes, não pode significar somente mudanças ou reformas na estrutura externa da Igreja e de seu governo. Trata-se mais bem de uma conversão desde dentro, isto é, trata-se de recuperar o Espírito de Jesus e suas atitudes mais essenciais para a vida da Igreja. Isso implica

promover um seguimento mais fiel de sua pessoa, recuperar seu projeto do reino de Deus como tarefa principal das comunidades cristãs, introduzir a compaixão como princípio de atuação em todos os níveis da Igreja, buscar entre todos uma Igreja pobre e dos pobres que não tenha medo de sair às periferias (PAGOLA, 2016, p. 47).

Este processo de conversão é um desafio para as nossas paróquias e comunidades chamadas a fazer este caminho de mudança, que passa pela renovação da qualidade de relação com Jesus. Aprofundemos mais este ponto no seguinte subtítulo.

b. Uma nova relação com Jesus

Para evitar que a palavra conversão se torne muito abstrata, Pagola sublinha que tal conversão a Jesus significa uma renovação da qualidade de nossa relação com Jesus, a fim de que as paróquias e comunidade possam conhecê-lo e, conhecendo-o, possam deixar-se seduzir e tocar por ele. Caso contrário, a Igreja morrerá. Assim, afirma Pagola que:

voltar a Jesus é reavivar nossa relação com Ele. Deixar-nos alcançar por sua pessoa. Deixar-nos seduzir não só por uma causa, um ideal, uma missão, uma religião, mas pela pessoa de Jesus, pelo Deus vivo nele encarnado. Deixar-nos transformar pouco a pouco por este Deus apaixonado por uma vida mais digna, mais humana e feliz para todos, a começar pelos últimos, os mais pequenos, indefesos e excluídos (PAGOLA, 2016, p. 47).

Para se começar a viver esta nova relação com Cristo, Pagola vai ressaltar a necessidade de “iniciar processos simples para melhor conhecer Jesus” (PAGOLA, 2016, p. 48), quer dizer, que as paróquias e comunidades possam conhecer o mais importante de nossa fé e de nossa missão evangelizadora. O conhecimento de Jesus é fundamental para iniciar um processo de purificação do nosso cristianismo, que o torne mais cristão e assuma, de fato, o rosto e o modo de Jesus. Entretanto, o rosto e o ser de Jesus só vão sendo recuperados autenticamente ao longo de um processo de exame de consciência, ao reconhecermos, como diz o Papa Francisco, as “formas desvirtuadas do cristianismo”. Eis a questão que abordaremos no ponto seguinte.

c. Introduzir a verdade de Jesus em nosso cristianismo

Pagola abre a reflexão reconhecendo que há cristãos muito bons, praticantes da religião, mas que não são verdadeiros seguidores de Jesus, ou seja, que não mantêm uma relação vital com Jesus. Este são

crístãos que conhecem o cumprimento de suas obrigações religiosas, mas não a experiência viva de seguir Jesus; cristãos que buscam instintivamente segurança e vivem do que encontram ao seu alcance para satisfazer suas necessidades religiosas, mas permanecem alheios ao projeto do reino de Deus. Em sua imensa maioria, estes cristãos não são culpados por este estado de coisas, mas vítimas. Ninguém os ajudou a encontrar-se vitalmente com Jesus (PAGOLA, 2016, p. 49).

Por esta razão, Pagola insiste na necessidade, ao nível pessoal e comunitário, de discernir sobre o que há de verdade e de mentira em nossas vidas e no cristianismo. Este discernimento se estende a todos os níveis da vida das paróquias. Em outras palavras, indagar pela verdade e mentira de nossas vidas e do cristianismo implica iniciar um processo de exame de consciência no seio da Igreja para que sinais de conversão possam ressurgir. Por isso é que Pagola se interroga: “não precisamos ir separando a escória acumulada durante séculos para extrair o que há de melhor no coração do cristianismo?” (PAGOLA, 2016, p. 49). Um tal processo exige reconhecer que todos nós precisamos nos converter, pois que, o pecado da Igreja “está em nossos corações e em nossas estruturas, em nossas vidas e em nossas teologias. Todos nós somos chamados à conversão” (PAGOLA, 2016, p. 50). Só assim, com efeito, poder-se-á dar início à uma nova etapa de evangelização. Nesta mesma linha de pensamento, Pagola chama atenção do perigo das falsas seguranças, a saber, a consciência de pertença à Igreja santa de Jesus sem antes fazer um exame de consciência sobre o grau de fidelidade a ela, a “segurança inconsciente de que estamos proclamando Jesus talvez sem sermos uma Igreja “ouvinte da Palavra” ou que podemos ser “mestres de humanidade” sem sermos seguidores fiéis de seu Evangelho” (PAGOLA, 2016, p. 50). Estas falsas seguranças servem de obstáculo ao processo de conversão. Daí surge a exigência de recuperar a identidade de discípulos de Jesus. A seguinte sessão tratará deste ponto.

d. Recuperar a identidade de discípulo e seguidores de Jesus

Nesta sessão, Pagola parte da realidade segundo a qual a fé, vivida em nossas comunidades, longe de suscitar discípulos de Jesus, faz surgir adeptos da religião, preocupados em cumprir as suas obrigações. Este fato está relacionado com a prioridade aos aspectos institucionais do que a Jesus e ao seu projeto. Por isso é que “a insistência na adesão doutrinal, os apelos urgentes à ordem moral e a exortação à prática religiosa vão ocupando praticamente todo o espaço vital dos cristãos” (PAGOLA, 2016, p. 51). Entretanto, esta experiência religiosa

não conduz muitos a ter a experiência de se sentir discípulos de Jesus e de colaboradores do seu projeto de reino de Deus.

Para Pagola, dar prioridade à experiência do religioso sobre a experiência de encontro com a pessoa de Jesus cria uma situação de mediocridade espiritual, uma “maneira empobrecida de entender e de viver a fé em Jesus Cristo” (PAGOLA, 2016, p. 52). A falta de encontro pessoal com Jesus leva, não poucas vezes, a estruturar a fé dos cristãos a partir de crenças, práticas morais e sacramentos. Ademais, reduz-se o trabalho pastoral à atividade, ao planejamento e à organização, sem uma vinculação à pessoa de Jesus Cristo, e assim distancia-se do núcleo essencial da fé para se focalizar no secundário.

Pagola indica a preocupação vigente de sustentar e alimentar um cristianismo convencional, isto é, suas tradições religiosas empobrecidas, verdades doutrinárias e princípios morais ameaçadores, ao invés de se investir na relação vital com Jesus Cristo. Por esta razão, ele se pergunta: “mas será que é isto que Jesus esperava de seus discípulos quando os chamava para anunciar a proximidade do reino de Deus cuidando da vida e aliviando os sofrimentos?” (PAGOLA, 2016, p. 53). Nesta perspectiva, fica claro o fato de haver uma grande deficiência na maneira de entender e viver a fé em Jesus, impedindo de segui-lo mais fielmente. “Faltamos a adesão vital a Cristo que nos transforma em seus discípulos e seguidores” (PAGOLA, 2016, p. 53), nos haver com a luz da experiência dos primeiros discípulos que, no encontro com o Ressuscitado, foram transformados. Diante desta realidade, as nossas paróquias e comunidades são chamadas a iniciar processos de conversão a Jesus Cristo para que, ouvindo o seu chamado, como os primeiros discípulos, se convertam em seus discípulos e seguidores. Por isso, é vital manter sempre a esperança em Cristo, ou seja, fixar sempre os olhos nele ao longo do caminho cristão. Eis o ponto que gostaríamos de aprofundar na sessão seguinte.

e. Reavivar a esperança em Cristo, ressuscitado por Deus

Pagola enfatiza aqui, para as nossas comunidades e paróquias, a necessidade de cultivar a esperança, a confiança como preparação para novos tempos. Esta esperança passa pelo cultivo da “força da ressurreição”. Assim como Cristo foi ressuscitado por Deus, o Pai continuará seu projeto salvífico para a Igreja e para a história. À Igreja se lhe pede a promoção da conversão a Jesus Cristo, quer dizer, um recomeçar tudo a partir dele como etapa fundamental e princípio de novos tempos na Igreja. Nesta perspectiva, é muito significativo o que afirma Pagola:

Deus é sempre novo e insondável, sempre maior do que o esperado. Grandes surpresas ainda aguardam a Igreja. Os vinte séculos de história cristã não são a melhor versão da Igreja. Jesus ainda não deu o melhor (PAGOLA, 2016, p. 53).

Para que esta nova fase se materialize, Pagola indica que não pode haver a pretensão de sugerir receitas concretas. Pelo contrário, trata-se de promover novos dinamismos nos

quais novas testemunhas de Jesus podem surgir no seio da Igreja introduzindo o seu Espírito. Então, as comunidades poderão levar os cristãos à um nível de qualidade de vida humana e cristã muito mais autêntica. Pagola reconhece que à Igreja, pelo fato de estar a viver momentos de graça e conversão, se exige novos estilos de vida cristã e atitudes adequadas. Nesta linha de pensamento, ele sublinha duas atitudes:

Em primeiro lugar, precisamos aprender a viver mudando. Isto significa aprender a “despedir” o que já não evangeliza nem abre caminhos ao reino de Deus, como talvez o tenha feito em outros tempos, e aprender a esboçar e abrir caminhos novos ao Evangelho de Jesus. Não ter medo de despedir o que está morrendo, mas promover o que está germinando. O que se nos pede, além disso, é que demos forma concreta à mudança. Será cada vez mais difícil tomar como referência válidas situações passadas, que já não ocorrem entre nós. Por isso, precisamos dedicar menos tempo à análise das deficiências, à escassez de meios ou às dificuldades, e muito mais tempo, mais oração, mais atenção e energia a descobrir apelos novos, carismas novos e caminhos de conversão inovadora (PAGOLA, 2016, p. 55).

Em conclusão à exposição da reflexão de Pagola sobre a necessidade de voltar à Jesus, gostaríamos de enfatizar o apelo mais frequente: iniciar processos de conversão a Jesus Cristo. Processos estes que avivam a urgência de voltar a Jesus. Em outro texto, Pagola se debruçará sobre a questão de recuperar a Espiritualidade de Jesus como a forma mais excelente de se voltar a Jesus. Exporemos, pois, a seguir os traços fundamentais da espiritualidade de Jesus.

4. A ESPIRITUALIDADE DE JESUS

Jesus viveu e agiu com Espírito, o que nos leva a perguntar pela espiritualidade de Jesus. Cada espiritualidade imprime um determinado espírito, uma forma específica de ser. Jesus, com efeito, vivia a sua espiritualidade na relação com o seu Abbá, Deus-Pai. Jesus era animado pelo amor filial. Vejamos quais são os traços centrais da espiritualidade de Jesus. Para tanto, tomaremos os aportes de José Antonio Pagola, tal como encontramos em seu artigo, *Recuperar la espiritualidad de Jesús*. Trata-se, pois, de uma espiritualidade enraizada na paixão profética (a), centrada no Reino de Deus (b), a serviço de uma vida mais humana (c), animada pela compaixão (d), e ainda uma espiritualidade curadora, terapêutica (e).

a. Espiritualidade enraizada na experiência dos profetas de Israel

Como os profetas de Israel, a vida de Jesus está animada pelo Espírito de Deus que impele o profeta a denunciar as injustiças e apelar o povo à conversão. Dessa espiritualidade

baseada na paixão profética, se manifestam três traços: a presença alternativa, a indignação profética e abertura à esperança.

Primeiramente precisamos situar Jesus no contexto da sociedade da época. Galileia é um lugar marcado por várias formas de injustiça, proveniente do regime político romano, que oprime o povo, e da elite religiosa: fariseus, saduceus, escribas, mestres da lei, que estão mais preocupados com a observância da Lei, os ritos de sacrificiais, a observância do sábado, entre outros. Trata-se de uma sociedade, cuja elite é indiferente à situação dos pobres. No meio dessa realidade “aparece o profeta, surge uma forma alternativa de entender e viver a partir da verdade a compaixão de Deus e os desejos de justiça de Deus. Começa a viver a partir de outro lugar do que vive a sociedade” (PAGOLA, 2015, p. 4). A presença alternativa de Jesus aparece como profeta que lê a realidade a partir de Deus. Em uma sociedade indiferente, Jesus reage pelo fato de ela não ser como Deus quer.

A indignação é uma marca da atitude profética contra aos abusos infligidos aos pobres e inocentes. O profeta reage indignado em favor das vítimas. Esta indignação é importante para manter sempre acesa a confiança e a esperança em Deus.

Em uma sociedade que não permite mudanças, sobretudo para os mais pobres, a presença profética de Jesus vai contra a indiferença e o ascetismo e abre caminhos de esperança. De fato, a “indignação de Jesus se converte em imaginação criativa e em gestos de bondade. Realiza gestos de vida porque crê em um Deus amigo da vida” (PAGOLA, 2015, p. 6). Jesus, com efeito, abre caminhos do Reino de Deus e sua justiça.

b. Espiritualidade centrada no Reino de Deus

Jesus apresenta uma nova imagem de Deus, um Deus próximo e que deseja entrar na vida de cada ser humano de modo que ela seja mais humana. Eis a Boa Nova que Jesus trás, um reino de justiça. Jesus fala de um outro Reino, que não é o Cesar, mas o de Deus. E o Reino de Deus é Deus agindo, reinando com justiça, promovendo a vida.

- Buscar o Reino de Deus e a sua justiça

No centro da Espiritualidade de Jesus está o Reino de Deus, um Reino que coloca Deus em relação com o mundo, isto é, com a histórias do ser humano, a fim de abrir caminhos de humanização da vida para todos, especialmente dos mais pobres. De fato, a presença do Reino de Deus é uma boa notícia, pois ela cura, salva. Assim, deve-se buscar o Reino com a sua justiça e não buscar Deus de maneira geral.

- Os caminhos desse reino de Deus

Jesus pertence à humanidade e não somente aos cristãos. Por isso, não se pode reduzir a acolhida do Reino à acolhida de crenças e ritos de uma religião. Pelo contrário, acolher o Reino de Deus é vivenciar uma nova experiência de Deus, a saber, uma experiência que

humaniza o ser humano e, por consequência, implica construir o mundo de um modo diferente e novo. Nesta perspectiva, não se pode esperar o Reino de Deus nas coisas espetaculares, porque Deus se revela na simplicidade do viver cotidiano. À pergunta, como virá o Reino, Jesus responde dizendo que “o Reino está no meio de vós” e, em outro momento, que está “dentro de vós”. Com isso podemos aferir que não se trata tão somente de uma estrutura externa às pessoas, tampouco de um subjetivismo individualizante. O Reino deve ser acolhido no coração, mas tem que abarcar toda a vida do ser humano, donde se inclui a dimensão intersubjetiva, comunitária, social.

- A oração do que busca o reino de Deus

A oração do Pai Nosso revela muito da espiritualidade de Jesus. Deve ser também a oração daqueles que seguem a Jesus. Trata-se da oração que brota do coração transformado pelo amor do Pai e que, portanto, nos faz filhos e filhas. Ao dizermos “santificado seja o vosso nome”, expressamos o desejo de que o nome de Deus (Pai) não seja denegrido pela violência e exploração dos seus filhos. Ao dizermos “venha o teu Reino”, pedimos que não seja o reino dos ricos e opressores. “Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” expressa a confiança de que se realize em toda a criação a vontade do Pai. Em seguida pedimos “o pão de cada dia”, não o conforto e a luxúria, mas aquilo que o Pai bom faz pelos seus filhos, os alimenta. Pedimos o “perdão das nossas dívidas” porque estamos em falta com Deus ao não respondermos como filhos ao projeto de amor do Pai. “Não nos deixe cair em tentação” manifesta o desejo de que não nos apartemos do Reino de Deus, o Pai. “Livra-nos do mal” porque não queremos sucumbir à estrutura opressora vigente na sociedade (cf. PAGOLA, 2015, p. 9-10).

c. Espiritualidade ao serviço de uma vida mais humana

Pagola sublinha que o projeto de Deus visa, no fundo, tornar a vida mais humana. É um projeto humanizante e humanizador. Nesta perspectiva, colocar-se no seguimento de Jesus significa trabalhar para que a vida seja mais humana. Pagola apresenta três pontos, para abordar esta dimensão.

O primeiro diz respeito à paixão por Deus, amigo da vida. Enquanto os fariseus, escribas e os sacerdotes estão preocupados em viver a sua religião mediante os sacrifícios, a observância da Lei, os dízimos e o sábado, Jesus está mais preocupada com a vida. Ele quer e, realmente, dá vida às pessoas, uma vida que é mais humana. Jesus restabelece a dignidade da pessoa, a sua vocação à filiação divina. Dar vida mais humana passa pelo acolhimento dos pecadores, dos publicanos e das prostitutas, ou seja, daqueles para os quais a vida está diminuída. (cf. PAGOLA, 2015, p. 11). “Vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O segundo aspecto dessa humanização da vida diz respeito aos pobres. Pagola coloca em realce o fato de os pobres serem os primeiros a experimentar a vida mais humana que Jesus trás. O Espírito impele Jesus a ir ter com os últimos (cf. PAGOLA, 2015, p. 11). “O

Espírito do Senhor está sobre mim, me ungiu e me enviou para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para abrir os olhos aos cegos, para anunciar aos cativos a liberdade, para proclamar o ano da graça do Senhor” (cf. Lc 4). Aqui percebemos a preocupação espiritual de Jesus, que não se deve reduzir ao direito, ao bem-estar material, mas, situa-se desde baixo para dar vida à muita gente. Quem vive a espiritualidade de Jesus se aproxima dos pobres (cf. PAGOLA, 2015, p. 12).

O terceiro aspecto diz respeito à luta contra os ídolos que matam. Contra o mal, o sofrimento e a morte, Jesus experimenta a presença de um Deus bom, que bendiz a vida, que luta contra tudo aquilo que faz mal. O Deus de Jesus não é um Deus que se deleita com o sofrimento do ser humano. Pelo contrário, ele permanece ao lado do que sofre. Para nos santificarmos, ele não exige que nos sacrifiquemos, mas que nos tornemos mais humanos. No caminho de humanização, dois ídolos se introduzem: o dinheiro e o poder. Não é possível entrar no Reino de Deus e ao mesmo tempo buscar o poder e servir ao dinheiro (cf. PAGOLA, 2015, p. 13).

d. Espiritualidade animada pela compaixão

A primeira observação a fazer aqui é que a compaixão é o princípio da atuação de Jesus, é o princípio de sua ação, que nasce de um olhar diferente, mas que se traduz por meio de gestos de bondade. De fato:

la compasión no es una virtud más, sino es la única manera de mirar a la vida, las personas, los acontecimientos, desde una actitud más parecida a la de Dios. Es la única manera de ser humanos. Hay que ponerla en el centro de la espiritualidad, de la Iglesia, para humanizarnos (PAGOLA, p. 14).

A compaixão está, pois, no centro da espiritualidade de Jesus. E assim, Pagola destaca o olhar compassivo de Jesus. Ao se aproximar das pessoas, Jesus se sensibilizava ao observar os seus sofrimentos e necessidades. Jesus olha as pessoas com compaixão. Esta não brota da observação da Lei nem do sábado. Pelo contrário, ela brota de suas entranhas, depois de se deixar afetar mediante o olhar que chega a reconhecer no rosto do outro o seu sofrimento e sua fragilidade. Os sinóticos narram várias cenas nas quais Jesus, ao ver as pessoas, se compece e faz algo por elas. Portanto, recuperar a espiritualidade de Jesus é cultivar um olhar diferente, que se fixa sobre as pessoas.

A terceira observação destaca os gestos de bondade. A compaixão por si só não é suficiente para humanizar a vida. Com efeito, Jesus vai além do simples fato de sentir compaixão pelas pessoas. Ele reage com bondade e seus gestos humanizam a vida, sobretudo dos mais frágeis. Nesta perspectiva, a parábola do bom Samaritano é o exemplo paradigmático para compreender os gestos de bondade de Jesus. Os evangelhos testemunham vários gestos humanizadores de bondades de Jesus em favor dos pecadores, publicanos e prostitutas. Daí se

segue que recuperar a espiritualidade de Jesus é olhar as pessoas com compaixão e agir com bondade (cf. PAGOLA, 2015, p. 15).

e. Espiritualidade curadora

A chave com a qual Jesus trabalha não é a preocupação pelo pecado, realidade esta que representa bem o profetismo de João Batista. Todavia, a Jesus lhe preocupa mais o sofrimento das pessoas, ou seja, tudo aquilo que não promove a vida. Por isso é que Jesus se dedica a curar os doentes, ou seja, a dar vida. Recuperar a espiritualidade de Jesus é recuperar a sua dimensão terapêutica (cf. PAGOLA, 2015, p. 17).

Os que mais se aproximam de Jesus são os doentes, os pecadores, os surdos, mudos, ou seja, os mais marginalizados de sua sociedade. A eles não é permitido participar da vida social, isto é, do Templo e das festas públicas. De fato, eles se sentiam esquecidos por Deus. Jesus, ao curá-los, vai além do físico, quer dizer, ele oferece uma cura integral. A cura que Jesus oferece leva os enfermos a fazerem uma dupla experiência de passagem: da morta à vida e da exclusão social à inclusão na convivência social (cf. PAGOLA, 2015, p. 19).

Todos os gestos de bondade de Jesus, por meio dos quais ele humanizava as pessoas, visavam curar a sociedade. Sua missão porta uma atividade terapêutica. Ao curar, Jesus libertava as pessoas de muitas formas de escravidão, inclusive a da servidão imposta pela religião. As pessoas tornavam-se livres em relação à Lei e se relacionavam melhor com Deus. Por consequência, elas se tornavam mais humanas. Jesus envia seus discípulos a proclamar o Reino de Deus e acrescenta o mandato de curar as pessoas. Portanto, recuperar a espiritualidade de Jesus é trabalhar para que a sociedade seja curada de seus inúmeros males (cf. PAGOLA, 2015, p. 19).

Em síntese, a espiritualidade de Jesus se mostra com aquela paixão dos profetas. Essa paixão profética está centrada no Reino de Deus. No centro do Reino de Deus está a compaixão de Deus, o Pai para com todos. Essa compaixão leva a promover a vida. Na promoção da vida os últimos deverão ser os primeiros a serem atendidos em suas necessidades. Estas necessidades reclamam a dimensão curadora, terapêutica. E, assim, a espiritualidade de Jesus é integral, pois ela não deixa nenhuma dimensão humana de fora. Como espiritualidade está relacionada com o Espírito de Deus, cuja ação transformadora e vivificante Jesus chama de Reino de Deus. O modo desse agir divino que inspira o agir humano é o da compaixão. Os destinatários são primeiramente os últimos da sociedade. Como é o Espírito quem dá a vida, essa espiritualidade é curadora da vida. E assim, Deus, a pessoa, a sociedade e o mundo estão incluídos na espiritualidade de Jesus, que deve ser também a espiritualidade dos cristãos.

Recuperar o Espírito de Jesus não é uma experiência que se dá de uma vez por todas, ou seja, não se trata de uma experiência mágica ou de simples imitação de Jesus Cristo. Pelo contrário, recuperamos o Espírito de Jesus Cristo nas experiências de encontro e de reencontros com Ele. Por isso é que “todos os cristãos, em qualquer lugar e situação em que se

encontrem, estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo, ou pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-Lo dia a dia, sem cessar” (PAPA FRANCISCO, 2013, nº 3). Estes encontros com a Pessoa de Jesus Cristo levam a ir percebendo e conhecendo a sua consciência, o seu coração e o que mais movia o seu interior e, sobretudo, os seus critérios de discernimento de ação. Permite também acompanhá-lo para ir vendo e conhecendo os lugares onde Jesus de Nazaré frequentava mais e à que tipo de categoria social de pessoas Ele se relacionava mais. Tudo isto exige voltar constantemente à Jesus de Nazaré. Por outro lado, os encontros com a Pessoa de Jesus Cristo não só nos levam a recuperar o Seu Espírito, como também nos conduzem a recuperar a dimensão trinitária da nossa fé cristã, para não cairmos no cristomonismo. Com efeito, é importante recuperarmos também esta dimensão importante da nossa fé. Eis o ponto no qual gostaríamos de desembocar ao terminarmos esta pesquisa.

5. ENCONTRAR-SE COM JESUS CRISTO É ENCONTRAR-SE COM A TRINDADE-AMOR

Ao lermos e meditarmos os Evangelhos vemos que Jesus de Nazaré “não faz de si mesmo o centro de sua pregação e missão. Jesus se sabia, vivia e trabalhava a partir de algo e para algo distinto de si mesmo” (SOBRINO, 1996, p. 105). Isto mostra que Jesus de Nazaré estava sempre referido à uma outra realidade, isto é, o seu Pai-Abba e seu reino. Isto é verdade pelo fato de que “o central na vida de Jesus aparece nos evangelhos expresso com dois termos: reino de Deus e Pai” (SOBRINO, 1996, p. 105). Aqui nos interessa mais nos focalizarmos sobre a realidade de Deus como Pai. Se Deus é Pai, surge a pergunta sobre a origem de Jesus.

No seu prólogo, o evangelista João escreve: “*no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus ... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único*” (Jo 1,1.14). Jesus Cristo é o Verbo de Deus feito carne, quer dizer, Ele é a Palavra de Deus, por meio da qual Deus realizou sua criação (cf. Jo 1,2). A obra da criação continua por meio da Palavra-feita-carne em Jesus Cristo. Ele é a personificação da Palavra de Deus que entra na história humana. Esta Palavra é enviada ao mundo para salvá-lo (cf. Jo 3,17). Portanto, toda ação salvífica de Jesus Cristo encontra a sua origem em Deus-Pai, pois que, Jesus Cristo é o Logos de Deus-feito-carne. Entretanto, o Logos é o Filho unigênito de Deus (cf. Jo 1,18).

Nos seus relatos sobre o batismo de Jesus de Nazaré, os evangelhos sinóticos narram a investidura e a revelação filial de Jesus da parte de Deus Pai (cf. Mt 3,16-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). Jesus recebe o Espírito Santo e sua Filiação. Ele é o Filho amado e querido por Deus, ou seja, Ele é o Messias-Filho em quem Deus-Pai se compraz. Jesus de Nazaré tem uma consciência filial com a qual ele realiza a missão salvífica, com a força do Espírito Santo (cf. Mt 4,1; Mc 1,12; Lc 4,1.14.18). Assim, no batismo de Jesus, que marca o início de sua vida pública, está em ação toda comunidade trinitária, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

No batismo, é Deus quem revela a existência filial de Jesus. Por outro lado, é Jesus que, ao longo de sua vida histórica, vai revelando a identidade de Deus-Pai, e à Ele se dirige como Pai. Por isso, ao ensinar os primeiros discípulos a rezar, Jesus lhes diz o seguinte: “*portanto, orai desta maneira: Pai nosso que estás nos céus...*” (Mt 6, 9); na profissão de fé de Pedro, Jesus lhe diz: “*Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne ou o sangue que te revelaram isto, e sim meu Pai que está nos céus*” (Mt 16,17); ao responder à pergunta de Felipe, Jesus lhe responde: “*... quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai!’? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? ... Crede-me: eu estou no Pai e o Pai está em mim*” (Jo 14, 9-11). Isto indica que Jesus não só revela Deus-Pai como também está unido à Ele. Por outro lado, “a razão profunda da possibilidade de ver Deus quando se vê Jesus se encontra na união consubstancial do Pai e do Filho no seu mútuo “ser-um-no-outro” (BEUTLE, 2013, p. 347). Ademais, na sua aparição aos discípulos na Galileia, Jesus os envia em missão dizendo: “*ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...*” (Mt 28,19). Isto indica que, pelo batismo, os novos discípulos serão introduzidos no amor trinitário, ou seja, “a experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade” (DOCUMENTO DE APARECIDA (DA), 2007, nº 240).

Depois de mostrarmos que Jesus Cristo é o Logos de Deus-feito-carne no Filho e enviado para salvar a humanidade, pela força do Espírito Santo, podemos afirmar que o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo é o encontro com o Pai, de quem procedem, o Filho e o Espírito Santo. Em outros termos, nos encontros com Jesus Cristo, o cristão é introduzido no amor trinitário. Deste modo, “uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-amor” (DA, 2007, nº 240). Este fundamento é importante para aprendermos do amor que une as três Pessoas, mediante o qual, elas salvam a humanidade. Esta unidade revela uma dimensão essencial no cristianismo: a comunhão. Portanto, o egoísmo e o individualismo são anticristãos. No projeto de salvação da humanidade pelo contrário, cada Pessoa da comunidade trinitária desempenha um papel, ou seja, “é Deus Pai quem nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. Jo 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chama-lo de Pai” (DA, 2007, nº 241).

Fica claro que encontrar-se com Jesus Cristo é encontrar-se com a Trindade-amor. No entanto, falta-nos, agora, indagar sobre a especificidade deste encontro e suas implicações para a vida cristã. Eis a questão que vamos procurar responder no ponto seguinte.

5.1. O ENCONTRO COM JESUS CRISTO

A tradição neotestamentária narra vários encontros de Jesus de Nazaré com diferentes pessoas. Estes encontros se dão de várias maneiras. Com efeito, o encontro com Jesus de Nazaré é sempre um convite a segui-lo (cf. Mt 4, 18-22). Neste sentido, o encontro se dá em forma de chamamento, cuja iniciativa é tomada por Ele: “*depois subiu à montanha, e*

chamou a si os que ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar...” (Mc 3, 13-14). Por isso é que Jesus diz à Simão: “*não tenhas medo! Doravante serás pescadores de homens*” (Lc 5, 10). Resulta que o encontro com Jesus de Nazaré é um encontro que muda qualitativamente a vida da pessoa: de pescadores de peixes à pescadores de homens. Portanto, há uma mudança de sentido da vida.

Os que se encontram com Jesus de Nazaré fazem a experiências da proximidade amorosa e libertadora de Deus e de seu projeto de construir o Seu Reino em nossa história. Por esta razão é que Jesus responde aos discípulos de João Batista: “*ide contar a João o que ouvís e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados*” (Mt 11, 4-5). Por outro lado, o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo é um encontro que mata a nossa sede existencial e faz de nossa vida uma nova fonte de água viva. Um exemplo eloquente encontramos no encontro de Jesus com a samaritana à quem Jesus diz: “*aquele que beber desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la”* (cf. Jo 4, 13-15), que ilumina a nossa vida de maneira que encontremos o caminho certo (cf. Jo 9, 1-7) e, finalmente, é um encontro que nos recria e faz de nós novas criaturas (Jo 11, 40-44). Neste sentido, vale a pena recordar a profunda frase do Papa Bento XVI: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (PAPA BENTO XVI, 2005, nº 1). Por outro lado, podemos sublinhar que:

a própria natureza do cristianismo consiste, portanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo, e segui-lo. Essa foi a maravilhosa experiência daqueles primeiros discípulos que, encontrando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombros frente à excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações. O evangelista João nos deixou plasmado o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram, João e André...” (DA, 2007, nº 244).

Respondendo à nossa indagação, podemos afirmar que o encontro com Jesus Cristo consiste em encontrar-se com uma Pessoa que transforma a vida do cristão para o melhor, porque Jesus Cristo é a manifestação histórica do amor de Deus, um amor que nos faz sair de nós-mesmo para comunica-los aos outros.

Somente graça a esse encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais que humanos, quando

permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Se alguém acolheu esse amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de comunica-lo aos outros?” (PAPA FRANCISCO, 2013, nº 8).

Somos resgatados de nossa consciência isolada e de nossa autorreferencialidade porque no encontro com a Pessoa de Jesus Cristo não só fazemos a experiência do amor libertador de Deus, mas também ouvimos a verdade de nossa própria existência cristã, pois que, Jesus Cristo é autocomunicação de Deus para nós. Em outros termos, “em Jesus, a comunicação gratuita de Deus ao homem e sua interpretação categorial na dimensão do corporalmente tangível e do social chegaram a um só tempo ao seu ponto mais alto, à revelação por excelência” (RAHNER, 1989, p. 212). Assim, fica claro que em Jesus Cristo, Deus se autocomunica absolutamente para os seres humanos. Trata-se de uma autocomunicação historicamente humana e “se volta para a intercomunicação entre os homens, porque somente nela e através dela pode vir a ser acolhida de maneira histórica” (RAHNER, 1989, p. 232). Portanto, no encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, o cristão, ouvinte da Palavra, recebe a autocomunicação de Deus. Em que consiste esta autocomunicação historicamente humana? Respondamos à esta pergunta no ponto que segue.

5.2. ENCONTRO COM JESUS CRISTO: ENCONTRO COM A VERDADE DE DEUS PARA NÓS

Já dissemos que Jesus Cristo é o *Logos* de Deus encarnado, ou seja, é a Palavra-feito-carne na história de Jesus de Nazaré. A tradição veterotestamentária testemunha a autocomunicação de Deus ao povo de Israel por mediações naturais e humanas. As tradições patriarcal, profética, histórica e sapiencial foram os diferentes modos de Deus se dizer ao povo de Israel.

Com o cumprimento do tempo estabelecido (*kairós*) (cf. Mc 1,15), Deus se autocomunica definitivamente em Jesus Cristo, seu Filho, Verbo-encarnado, ou seja, Deus se autocomunica ao ser humano em Jesus de Nazaré, o Cristo. Por isso é que:

depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus ultimamente, nestes nossos dias, por meio de seu Filho (Hb 1,1-2). Enviou o seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e explicar-lhes os segredos de Deus (cf. Jo 1,1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado “como homem aos homens” “fala”, portanto, “as palavras de Deus” (Jo 3,34) e consuma a obra da salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo 5,36; 17,4) (DEI VERBUM (DV), nº 4).

Neste sentido, o encontro com Jesus Cristo é o encontro com a “fala” humana de Deus, ou seja, encontramos-nos com a autocomunicação historicamente humana de Deus no Jesus

de Nazaré, o Cristo. Esta “fala” humana de Deus se dirige aos seres humanos e revela os segredos de Deus e a Verdade dos seres humanos. Em outros termos, o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo é o encontro com a Palavra de Deus que revela “a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens” (DV, nº 2).

Como todo encontro pressupõe um lugar, com a Pessoa de Jesus Cristo não é diferente. De fato, existem vários lugares onde podemos encontrar Jesus Cristo. O primeiro lugar por excelência é a Sagrada Escritura, que é “Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo” (DV, nº 9). Encontramos Jesus Cristo na Igreja que, pela pregação da Boa-Nova, deu início (cf. LG, nº 5). Na sua Igreja, “encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia” (DA, nº 250), porque, “para realizar obras tão grandiosas, Cristo está sempre presente em sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas” (SC, nº 7). Encontramos igualmente Jesus Cristo nos mais pobres, nos marginalizados (cf. Mt 25,37-40). Estes nos evangelizam, porque para continuar a viver, eles são muito pacientes. Por outro lado,

o encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e do encontro com ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. (Documentos de Aparecida, nº 257).

CONCLUSÃO

Fica aqui concluída a nossa pesquisa sobre o constitutivo da identidade cristã que, em última análise, é o próprio Jesus Cristo, *Logos* de Deus-feito-carne e Filho de Deus-Pai na unidade do Espírito Santo. De fato, iniciamos pela pergunta acerca de Cristo e, por conseguinte, acerca do Cristão. Vimos a crise da identidade cristã com Codina e Palácio. Propomos, com Pagola, uma volta a Jesus Cristo e seu Evangelho, o que nos fez abordar os traços específicos da espiritualidade de Jesus. Por fim, situamos o evento-Cristo na perspectiva trinitária, pois recuperar o Espírito e o Reino de Deus, o Pai, a partir do seguimento e da espiritualidade de Jesus não nos é possível fora da compreensão radicalmente trinitária da fé cristã.

BIBLIOGRAFIA

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*. Comentário. São Paulo: Loyola, 2016.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 11. impr. São Paulo: Paulus, 2016.

CODINA, Vitor. Desocidentalizar o Cristianismo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 40, p. 9-23. (2008)

DEI VERBUM, Concílio Vaticano II, *Constituição dogmática sobre a revelação divina*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB; Paulus; Paulinas, 2008.

KÜNG, Hans. *20 Tesis sobre el ser Cristiano*. 2ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*. Baseado em domínios semânticos. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2013.

LUMEN GENTIUM, Concílio Vaticano II, *Constituição dogmática sobre a Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

PAGOLA, José Antonio. Recuperar la espiritualidad de Jesús. Disponível em: https://www.bidean.net/documentos/laicado_formation/Recuperar_espiritualidad_Jesus.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2019.

_____. *Voltar a Jesus*. Para a renovação das paróquias e comunidades. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PALÁCIO, Carlos. A identidade problemática (em torno do mal-estar cristão). *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 21, p. 151-177, (1989).

PAPA FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

RAHNER, Karl. *CURSO FUNDAMENTAL DA FÉ*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SACROSANCTUM CONCILIUM, Concílio Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2018. Brasília: Edições CNBB, 2018.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1996.